

Rede pública não faz "check-up"

■ Série de exames sugerida por Fernando Henrique custa, no mínimo, R\$ 850 e não é contemplada pela maioria dos planos de saúde

Brasília — Josemar Gonçalves

A sugestão feita pelo presidente Fernando Henrique Cardoso para que o brasileiro faça *check-up* médico com regularidade esbarra no preço. O valor médio de um *check-up* clínico e cardiológico nas principais clínicas do Rio varia entre R\$ 850 a R\$ 1.100, cerca de 6,5 a 8,5 salários mínimos.

Nem os hospitais públicos nem a maioria dos planos particulares de saúde oferecem este tipo de serviço. A opção é fazer exame por exame. No caso dos hospitais do estado, conseguir marcar uma consulta com um clínico pode demorar até cinco meses, segundo o diretor da clínica particular Med-Rio, Galileu Assis. A partir daí, o tempo para realizar todo o *check-up* depende da quantidade de exames pedidos e das filas dos hospitais, sendo difícil fazer uma previsão.

"Realmente, pessoas menos favorecidas não têm como realizar um programa de prevenção, pois não há como fazer os exames de uma só vez. A saída para quem não tem dinheiro é procurar um clínico geral pelo menos uma vez por ano. O médico vai avaliar o paciente e solicitar exames prioritários de acordo com as necessidades principais do indivíduo", aconselha Assis.

"O alto valor do serviço atrai apenas pessoas de classe social mais elevada", afirma Assis. Segundo o médico, 70% de seus clientes são empresários e executivos de grandes empresas. Os outros 30% são profissionais liberais bem sucedidos e com condições de arcar com os custos, afirma. Além disso, ele aponta um outro agravante: "Infelizmente, o brasileiro não tem o hábito de prevenir, só procuram por médicos em caso de emergências. Basta dizer que em matéria de prevenção, as classes menos favorecidas só contam, hoje, com campanhas de vacinação".

Segundo Galileu, a procura por exames de controle só aumenta com a morte de alguma personalidade. "Nestas ocasiões, as pessoas ficam receosas e registramos picos de movimento, como no caso das mortes do deputado Luís Eduardo Magalhães e do cantor sertanejo, Leandro".

Planos — Os que recorrerem aos planos de saúde para fazer um *check-up* também têm que ter paciência. É necessário fazer consultas com mais de um médico (clínico e cardiologista, por exemplo) e pedir que cada um solicite os exames em separado, de acordo com a especialidade. Só então a pessoa procura as clínicas e os laboratórios conveniados para solicitar a marcação dos exames.

Segundo a médica Cristina Clare, responsável pelo programa

de prevenção do Hospital Pro-Cardíaco, em Botafogo, as seguradoras não pagam os pedidos onde constam a indicação *check-up*. "Inclusive, já recebemos reclamações de pessoas querendo fazer os exames por intermédio de convênios, mas sem o reembolso das companhias é impossível", afirma.

Para o presidente da Unimed Rio, Celso Barros, as seguradoras reconhecem que a prevenção de doenças só traz benefícios, mas se as empresas cobrissem *check-ups*, os custos seriam repassados ao consumidor. "Não há como estimar o aumento, uma série de cálculos teriam que ser feitos. Além disso, há sempre o temor de os segurados abusarem do uso dos serviços", alega.

Exames — Uma das vantagens do *check-up* em relação à consulta separada por especialistas está na economia de tempo, segundo Rita de Cássia Garcia, gerente administrativa da Medco, que faz os exames da Clínica São Vicente. Os *check-ups* demoram em média cerca de cinco horas. Em geral são feitos ecocardiograma, ultrassonografia, raios x do tórax, teste ergométrico e exames clínicos (sangue, fezes e urina). Os exames podem variar conforme o sexo e idade da pessoa. O prazo médio para ser feito um *check-up* varia de um ano e meio a dois anos. Segundo os especialistas, tudo vai depender do histórico e condições de vida do cliente e também do resultado da primeira série de exames. Se estes não apresentarem nenhum problema, o prazo pode ser alongado. Caso contrário, há ocasiões em que o cliente pode até mesmo ser encaminhado a um especialista para uma consulta mais detalhada.

■ O coordenador de Finanças e Informática do comitê da reeleição, Egídio Bianchi, disse ontem que o custo total da campanha de Fernando Henrique deverá oscilar entre R\$ 60 milhões e R\$ 65 milhões. "Nossa campanha é maior desta vez", disse. Bianchi informou que os maiores gastos são com as atividades de comunicação e marketing e que os comícios eletrônicos — o programa Pé na Estrada — têm "um custo significativo". Bianchi não considera realista a avaliação do tesoureiro da campanha, Luiz Carlos Bresser Pereira, que na semana passada estimou que os gastos seriam de R\$ 50 milhões. "Nós estamos levando esta campanha a um número muito maior de lugares e estamos realizando um volume maior de atividades", argumentou.



Fernando Henrique, após fazer exames em São Paulo, no domingo, disse que "o povo precisa se sensibilizar da necessidade de fazer *check-up*"